

CORRELAÇÃO ENTRE OS FATORES SOCIODEMOGRÁFICOS ASSOCIADOS À SÍNDROME DE BURNOUT EM DISCENTES

Joyce Silva Soares de Lima – Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)

Agostinha Mafalda Barra de Oliveira – Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)

Juliana Carvalho de Sousa – Universidade Potiguar (UNP)

Pablo Marlon Medeiros da Silva – Universidade Potiguar (UNP)

Anderson Lopes Nascimento – Universidade Estadual do Ceará (UECE)

RESUMO

Objetiva-se neste estudo analisar a relação de variáveis sociodemográficas com a prevalência da síndrome de *burnout* (SB) dos discentes do curso de Administração de uma IFES no semiárido do Nordeste Brasileiro. Para tanto, mensurou-se o nível de prevalência da SB, por meio do *Maslach Burnout Inventory-Student Survey* (MBI-SS) e identificou-se o sexo, estado civil e quantidade de filhos de uma amostra de 189 discentes. Os dados foram analisados com o auxílio do software estatístico *IBM Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) 24.0. Com base no teste *t*, utilizado para identificar se houve diferenças estatísticas entre duas médias populacionais, os resultados apontam que a variável sexo apresentou uma diferença estatística na dimensão exaustão emocional. Na variável filhos, foi identificado um maior nível de significância na dimensão reduzida eficácia profissional. Em contraponto, a variável estado civil não apresentou relação com nenhuma das dimensões da SB. Isso significa que os fatores sexo e filhos apresentam-se como fatores associados ao desenvolvimento e prevalência da síndrome, enquanto o estado civil do discente não.

Palavras-chave: Síndrome de *Burnout*; Discentes, Curso de Administração.

1 INTRODUÇÃO

A síndrome de *burnout* (SB), também conhecida como síndrome de esgotamento físico e mental, pode ser caracterizada pela resposta à exposição crônica de agentes estressores. Por não dispor de mecanismos suficientes para enfrentar tais agentes, a pessoa acaba desenvolvendo a síndrome, a qual é constituída por três dimensões: exaustão emocional, despersonalização e baixa realização profissional (FERNANDES; NITSCHKE, 2018; MASLACH; JACKSON, 1981; VIANA et al., 2014).

A expressão *burnout*, como uma síndrome resultante da exaustão, foi descrita em 1974 pelo doutor Freudenberg. O autor descreve a SB como uma falha proveniente da exaustão e cansaço provocado pelo trabalho excessivo, levando o indivíduo a tornar-se inoperante em suas atividades. (PORCIUNCULA, 2015).

De acordo com Fogaça et al. (2012), essa síndrome tem sido considerada um relevante problema de saúde mental e vem sendo estudada em diversos países. Nos últimos anos essa doença também começou a ser estudada no Brasil (SCHUSTER; DIAS, 2018). Contudo, mesmo havendo maior interesse sobre o tema, a SB ainda é pouco conhecida na população de uma forma geral (SILVA et al., 2015).

Segundo Llorent e Calzado (2016), atualmente a SB tem sido objeto de diversas investigações devido à sua grande importância e elevado impacto na vida dos profissionais. Entre as inúmeras variáveis que explicam essa tendência de estudos relacionados à esta síndrome, destaca-se o aumento de estresse dentro e fora do local de trabalho.

Ademais, embora a SB venha se apresentando com mais ênfase no contexto laboral, também se faz presente no ambiente universitário (GOULART, 2014; VIANA, 2014). Por ser um espaço de interação ensino-aprendizagem altamente exigente e competitivo, o ambiente universitário pode ser considerado como gerador estresse para os estudantes universitários (BARLEM, et al., 2013; VIANA, et al., 2014).

A avaliação da SB em discentes também se constitui de três dimensões, previstas na perspectiva social-psicológica de Maslach e seus colaboradores, e no modelo de Maslach e Jackson (1981): Exaustão Emocional, Descrença e Reduzida Eficácia Profissional. Exaustão Emocional, refere-se ao fato do discente se sentir exausto em virtude das exigências do estudo; Descrença, diz respeito a uma atitude cínica e distanciada do discente com relação ao estudo e Reduzida Eficácia Profissional, caracterizada pelo sentimento de incompetência dos mesmos quanto ao seu papel de estudante (CARLOTTO; CÂMARA, 2006; FOGAÇA, et al., 2012).

Diversos fatores podem ser considerados estressores dentro do ambiente universitário, dentre esses podem-se citar: conciliação entre trabalho e estudo, acúmulos de avaliações, pressões psicológicas por notas e cumprimento de prazos e período de curso (AGUIAR; AGUIAR; MERCES, 2018; BARLEM et al., 2013; BENAVENTE et al., 2014; FERRAZ; CARDONA; MONTE, 2009; MOREIRA, 2018; PINTO et al., 2018).

Além desses e outros fatores estressores dentro do ambiente universitário, a SB pode estar associada também com fatores sociodemográficos. Neste trabalho, optou-se por avaliar três desses fatores sociodemográficos, são eles: sexo (CARLOTTO, 2002; CARLOTTO; PALAZZO, 2006; CARLOTTO, 2011; CAMPOS et al, 2012; MEYER, 2012; SANTOS, 2015; FERNANDES; NITSCHKE; GODOY, 2018; AGUIAR; AGUIAR; MERCES, 2018), estado civil (CARLOTTO; PALAZZO, 2006; CARLOTTO, 2011; SÁ; SILVA; FUNCHAL, 2014; SANTOS, 2015; PANTOJA, 2017; AGUIAR; AGUIAR; MERCES, 2018) e filhos (CARLOTTO; PALAZZO, 2006; CARLOTTO, 2011; SÁ; SILVA; FUNCHAL, 2014; VIANA et al., 2014 AGUIAR; AGUIAR; MERCES, 2018).

De acordo com Carlotto (2011), pesquisar sobre essa temática contribui com o estudo sobre o tema em contexto nacional, tendo em vista que a produção de pesquisas no Brasil sobre SB, ainda é considerada escassa quando comparada ao grande acervo internacional. Na esfera social este estudo é relevante quando se verifica os danos que podem ser causados pela SB, tanto em relação ao bem-estar e qualidade de vida dos indivíduos quanto em relação aos custos sociais advindos desta doença. Com relação ao âmbito institucional, a IFES estudada ganha com esse estudo, posto que esta pesquisa pode colaborar para melhorias com relação à saúde psíquica de seus discentes, bem como desenvolver metodologias de ensino que possibilitem a inclusão de diferentes perfis sociodemográficos.

Dessa forma, delimita-se como problema de pesquisa: *Qual a relação entre os fatores sociodemográficos e a prevalência da SB nos discentes do curso de Administração?* Assim, para responder a problemática apresentada, e diminuir essa escassez na literatura sobre o tema no Brasil, bem como contribuir com a esfera social e institucional, estabelece-se como objetivo deste trabalho analisar a relação entre variáveis sociodemográficas com a prevalência da SB dos discentes do curso de Administração de uma IFES no semiárido do Nordeste Brasileiro. Para tanto, foi necessário: 1) Mensurar o nível de prevalência de *burnout* nos discentes do curso de administração da IFES; 2) Identificar as variáveis sociodemográficas: sexo, quantidade de filhos e estado civil; e 3) Relacionar as variáveis sociodemográficas identificadas com o nível de prevalência da SB.

O presente trabalho encontra-se estruturado nesta introdução, no conceito, dimensões e fatores relacionados à SB, nos métodos utilizados e nos resultados encontrados a partir dos instrumentos utilizados. Por fim, são apresentadas conclusões, recomendações de posteriores estudos e as referências utilizadas.

2 QUADRO TEÓRICO

Estudos apontam que a prevalência da SB pode estar associada à fatores sociodemográficos, como por exemplo o sexo do indivíduo, seu estado civil e se possui ou não filhos. Em seguida, uma breve discussão sobre cada um desses fatores.

2.1 Sexo

Carlotto (2002) realizou um estudo com o objetivo de apresentar a SB sob a perspectiva social-psicológica de Christina Maslach. Esse estudo expõe os principais modelos

explicativos de *burnout* em professores e identifica suas principais causas e consequências para os profissionais e para a instituição de ensino. Com base nesse estudo, a autora afirma que evidências empíricas de outros estudos têm mostrado que os professores do sexo masculino são mais vulneráveis que os do sexo feminino. Em concordância, outros estudos encontraram maior prevalência da SB e de seus componentes nos indivíduos do sexo masculino. Os autores justificam esse achado diante do fato de as mulheres procurarem ajuda e suporte familiar com maior frequência que os homens (CAMPOS et al., 2012).

Em contraponto, Carlotto e Palazzo (2006) realizaram uma pesquisa com objetivo de estudar o *burnout* em professores de seis escolas particulares de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. A população era composta por 217 professores e foram utilizados o instrumento MBI para medir o *burnout* e um questionário para registrar outras variáveis. Os resultados dessa pesquisa demonstraram que na comparação entre os índices obtidos nas três dimensões de *burnout* e a variável demográfica sexo, não há diferenças estatisticamente significativas.

Mais recentemente, Carlotto (2011) realizou um novo estudo com objetivo de identificar a prevalência da SB em 882 professores de escolas da região metropolitana de Porto Alegre-RS. Foram utilizados como instrumentos de pesquisa um questionário elaborado especificamente para levantamento de variáveis demográficas, laborais e o MBI. Esse estudo difere dos anteriores, pois foi identificado que as mulheres apresentam maior exaustão emocional e maior realização no trabalho, sendo que homens apresentam maior despersonalização.

Em adição, Meyer et al. (2012) realizaram um estudo com o objetivo de analisar a qualidade de vida e o estresse ocupacional em estudantes de medicina matriculados no último ano de internato médico. A amostra foi composta por 302 estudantes de universidades públicas e privadas de Santa Catarina, os quais responderam a um questionário autoaplicável. Por meio dessa pesquisa, foi possível identificar que em relação às dificuldades em conciliar o internato com o estudo, constatou-se que o sexo feminino apresenta mais dificuldade com a dedicação integral, quando comparadas com os homens. As mulheres apresentam uma maior dificuldade em administrar seu tempo e cumprir a elevada carga de atividades universitárias e conseqüentemente maior predisposição ao estresse e depressão no trabalho. Este estudo identificou maiores escores no sexo masculino em relação ao domínio psicológico e que as mulheres tendem a sofrer mais com estressores psicológicos como depressão, luto, ansiedade, tristeza e outros elementos.

Santos (2015) fez uma pesquisa empírica com o objetivo de investigar a relação entre o comprometimento organizacional e o *burnout* em 106 professores universitários da cidade do Porto, com idades compreendidas entre os 25 e os 68 anos. Foram utilizados, como instrumentos de pesquisa, o *Maslach Burnout Inventory Educators Survey* (MBI-ED), o questionário de compromisso e um questionário demográfico. Por meio desse estudo, identificou-se uma diferença estatisticamente significativa na subescala exaustão emocional, em que o gênero feminino apresenta uma média superior face ao gênero masculino.

Fernandes, Nitsche e Godoy (2018) realizaram uma pesquisa com objetivo de verificar a presença da SB entre profissionais da área de enfermagem, nas unidades de terapia intensiva de um hospital universitário, e a existência de associação entre consumo de álcool e tabaco. Participaram desta pesquisa 160 profissionais de enfermagem, no período de março de 2013 a

fevereiro de 2014. Utilizou-se um questionário estruturado, acrescido da história tabágica, MBI, *Alcohol Use Disorders Identification Test* (AU-DIT), Questionário de Dependência de Fagerström (QDF), e a mensuração do monóxido de carbono. Nessa pesquisa, foi identificado que o sexo feminino apresentou maior chance de ter a síndrome, quando comparado ao sexo masculino. Da mesma forma, Aguiar, Aguiar e Merces (2018) observaram em seu estudo, uma maior prevalência de SB em estudantes do sexo feminino.

Em suma, em um estudo não foram identificadas diferenças estatisticamente significativas com relação ao sexo. Em dois estudos, os resultados indicam que o sexo masculino é mais vulnerável à SB. Em outro estudo identificou-se que as mulheres apresentam maior exaustão emocional e maior realização no trabalho, enquanto que os homens apresentam maior despersonalização. Por fim, em quatro estudos os resultados mostram uma maior predisposição da SB nas mulheres.

Pelo exposto, com base nos resultados dos estudos apresentados, estabelece-se as seguintes hipóteses:

H₁: A prevalência de exaustão emocional difere para os discentes do sexo feminino em relação aos discentes do sexo masculino.

H₂: A prevalência de descrença difere para os discentes do sexo feminino em relação aos discentes do sexo masculino.

H₃: A prevalência de reduzida eficácia profissional difere para os discentes do sexo feminino em relação aos discentes do sexo masculino.

2.2 Estado civil

Sá, Silva e Funchal (2014) identificaram em um estudo que as pessoas solteiras apresentaram índices maiores na dimensão exaustão emocional, em comparação com as pessoas casadas. Da mesma forma, Pantoja (2017) avaliou os elementos que caracterizam o *burnout* em trabalhadores de um hospital universitário em Belém, no estado do Pará. Tratou-se de um estudo descritivo, de abordagem quantitativa e de delineamento transversal, investigando-se 62 trabalhadores. Foram aplicados dois questionários: o primeiro foi um protocolo que continham perguntas que possibilitassem a caracterização demográfica, social, ocupacional e cultural dos sujeitos, de elaboração do pesquisador; o segundo questionário foi o MBI-SS. A partir desse estudo foi observado que, no tocante ao estado civil, os solteiros ou separados apresentaram maior prevalência da síndrome. Tal estudo sugere que os casados ou em união estável podem experimentar sentimentos de responsabilidade na família, além de apoio emocional proveniente dos familiares, podendo resultar em uma maior resistência ao *burnout*.

Por sua vez, Carlotto e Palazzo (2006) demonstraram, em um estudo empírico, que na comparação entre os índices obtidos nas três dimensões de *burnout* e a variável demográfica estado civil, há ausência de diferenças estatisticamente significativas com relação a estas. Da mesma forma, Santos (2015) concluiu em seu estudo que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos relacionados à variável estado civil.

Em contraponto aos achados dos estudos apresentados, Carlotto (2011) verificou que sujeitos sem companheiro fixo possuem maior realização no trabalho. Do mesmo modo, Aguiar, Aguiar e Merces (2018) afirmam que ocorre uma maior prevalência da síndrome em indivíduos casados.

Em síntese, dois estudos apresentaram em seus resultados que indivíduos solteiros estão mais propensos à SB e dois estudos identificaram não haver diferenças estatisticamente significativas. Por fim, os resultados de dois estudos indicaram haver uma maior probabilidade da síndrome em indivíduos casados.

Embora os resultados inconclusivos, para efeito deste estudo, fixam-se as hipóteses de quê:

H₄: A prevalência de exaustão emocional difere para os discentes solteiros/divorciados/viúvos em relação aos discentes casados/em união estável.

H₅: A prevalência de descrença difere para os discentes solteiros/divorciados/viúvos em relação aos discentes casados/em união estável.

H₆: A prevalência de reduzida eficácia profissional difere para os discentes solteiros/divorciados/viúvos em relação aos discentes casados/em união estável.

2.3 Filhos

Carlotto e Palazzo (2006), com base em um estudo, concluíram que indivíduos com filhos apresentaram menores níveis de *burnout* nas três dimensões. Em outro estudo, Carlotto (2011) confirmou que professores sem filhos possuem mais exaustão emocional e despersonalização do que professores que têm filhos. No entanto, diferente do estudo anterior, ela identificou que esses professores que têm filhos apresentam menor realização no trabalho.

Na sequência, Viana et al. (2014) realizaram um estudo com o objetivo de determinar a prevalência da SB e suas dimensões e avaliar sua relação com transtorno de ansiedade e com percepção do nível de qualidade de vida entre estudantes de ciências da saúde de uma instituição de ensino superior de Montes Claros-MG. Participaram do estudo 352 estudantes, que responderam aos seguintes instrumentos: MBI-SS, Inventário de Ansiedade Traço-Estado, *WHOQOL-Bref*, Critério de Classificação Econômica Brasil e Questionário demográfico-socioeconômico. Por meio desse estudo, observou-se uma menor chance de ocorrer SB entre os estudantes que declararam ter filhos, por poder indicar uma fonte de gratificação no fato do estudante cuidar do filho, além de uma melhor delimitação temporal dos agentes estressores acadêmicos.

Da mesma forma, em outro estudo identificou-se que pessoas que não possuem filhos estão associadas negativamente à dimensão exaustão emocional (SÁ; SILVA; FUNCHAL, 2014). Em adição, Aguiar, Aguiar e Merces (2018) afirmam que ocorre uma maior prevalência da síndrome em indivíduos que não possuem filhos.

Em síntese, os resultados dos cinco estudos apresentados sinalizaram que indivíduos que possuem filhos têm menores chances de desenvolver a SB. Dentre eles, apenas em um estudo os resultados indicaram que pessoas que têm filhos apresentam uma menor realização no trabalho.

Diante dos resultados apresentados nesses estudos, determina-se a hipótese de quê:

H₇: A prevalência de exaustão emocional difere para os discentes que possuem filhos em relação aos discentes que não possuem filhos.

H₈: A prevalência de descrença difere para os discentes que possuem filhos em relação aos discentes que não possuem filhos.

H₉: A prevalência de reduzida eficácia profissional difere para os discentes que possuem filhos em relação aos discentes que não possuem filhos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o alcance dos objetivos propostos, foi realizado um estudo descritivo, de abordagem quantitativa e delineamento transversal. A pesquisa foi feita com discentes do curso de administração de uma IFES localizada no Semiárido do Nordeste Brasileiro.

Os dados referentes aos discentes foram fornecidos pela Secretaria do curso, com base nos critérios descritos. O tamanho da amostra foi calculado considerando-se o total de 424 discentes de administração, regularmente matriculados no curso, no primeiro semestre de 2018. Desse total, 189 discentes, de todos os períodos do curso, compuseram a amostra deste estudo. Este número é considerado representativo de acordo com o método baseado no nível de confiança de 95% e erro de estimação de 6%. (RICHARDSON, 2014).

O instrumento aplicado para mensurar as dimensões da SB foi o *Maslach Burnout Inventory-Student Survey* (MBI-SS), acrescido das questões referentes ao sexo, estado civil e número de filhos dos discentes. Utilizou-se a versão proposta por Carlotto e Câmara (2006), uma versão específica para estudantes, que foi traduzida e adaptada para o uso no Brasil a partir do instrumento elaborado por Schaufeli et al. (2002). Tal instrumento é composto por 15 afirmações sobre sentimentos e atitudes que englobam os três aspectos fundamentais do *burnout*: a Exaustão Emocional (EE), a Descrença (DE) e a Reduzida Eficácia Profissional.

Com relação à análise dos dados, após o recolhimento dos questionários, codificaram-se os itens e tabularam-se as questões no Excel. A segunda etapa foi realizar o processamento dos dados no software estatístico IBM *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) 24.0.

Na sequência, foi feita a análise de confiabilidade do instrumento (MBI-SS) por meio do alfa de Cronbach e encontrado os seguintes valores: EE ($\alpha = 0,800$), DE ($\alpha = 0,742$) e REP ($\alpha = 0,741$). Pelo exposto, os dados obtidos por meio do MBI-SS apresentam uma confiabilidade admissível, tendo em vista que o valor aceitável para o alfa de Cronbach é 0,70. (MAROCO; GARCIA-MARQUES, 2006).

Para avaliar se a distribuição é normal, foi utilizado o teste de Kolmogorov-Smirnov (KS), apresentando os seguintes valores de significância: EE ($\rho = 0,272$), DE ($\rho = 0,472$) e REP ($\rho = 0,094$) obtendo um total de $\rho = 0,387$. Considerando-se que todos esses valores estão acima de 0,05 pode-se afirmar que os dados desta pesquisa apresentam uma distribuição normal.

Como neste último a distribuição foi caracterizada como normal para todas as dimensões da SB, aplicou-se o teste *t* de *student*. Esse teste foi utilizado para identificar se houve variação entre o nível de *burnout* em cada grupo de fatores. Para tanto, todos os fatores foram divididos em dois grupos, como segue: sexo (masculino e feminino), estado civil (solteiro/divorciado/viúvo e casado/em união estável), e filhos (possui ou não possui).

De acordo com Larson e Farber (2016), o teste *t* é um teste de hipótese baseado em duas amostras que pode ser utilizado para testar a diferença entre duas médias populacionais. A hipótese nula (H_0) é uma hipótese estatística que normalmente afirma que não há diferença entre os parâmetros de duas populações. Já a hipótese alternativa (H_a) é uma hipótese estatística que é verdadeira quando H_0 é falsa. Se $\alpha < 0,050$ a hipótese alternativa é aceita, ou seja, há variação entre as médias populacionais. Se $\alpha > 0,050$ mantém a hipótese nula e não há diferenças entre os grupos. Neste estudo, o teste *t* foi utilizado para identificar se houve variação entre o nível de *burnout* em cada grupo de fatores. A fim de sequenciar o teste *t*, elaborou-se as seguintes hipóteses para nortear o estudo:

Quadro 1 – Hipóteses da pesquisa

Hipóteses
H ₁ : A prevalência de exaustão emocional difere para os discentes do sexo feminino em relação aos discentes do sexo masculino.
H ₂ : A prevalência de descrença difere para os discentes do sexo feminino em relação aos discentes do sexo masculino.
H ₃ : A prevalência de reduzida eficácia profissional difere para os discentes do sexo feminino em relação aos discentes do sexo masculino.
H ₄ : A prevalência de exaustão emocional difere para os discentes solteiros/divorciados/viúvos em relação aos discentes casados/em união estável.
H ₅ : A prevalência de descrença difere para os discentes solteiros/divorciados/viúvos em relação aos discentes casados/em união estável.
H ₆ : A prevalência de reduzida eficácia profissional difere para os discentes solteiros/divorciados/viúvos em relação aos discentes casados/em união estável.
H ₇ : A prevalência de exaustão emocional difere para os discentes que possuem filhos em relação aos discentes que não possuem filhos.
H ₈ : A prevalência de descrença difere para os discentes que possuem filhos em relação aos discentes que não possuem filhos.
H ₉ : A prevalência de reduzida eficácia profissional difere para os discentes que possuem filhos em relação aos discentes que não possuem filhos.

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os resultados mostraram uma leve predominância do sexo feminino (55%). Mais da metade dos participantes são solteiros (75%), 21,3% são casados ou possuem união estável, 3,2% são divorciados e apenas 0,5 são viúvos. Observa-se um predomínio de discentes que não possui filhos (88,4%).

Os resultados de uma análise acerca da prevalência da SB mostram que dentre os discentes investigados, apenas 8,5% deles assinalam baixo nível em todas três dimensões e 31,2% apresentam alto nível em apenas uma dimensão. No entanto, 50,2% dos discentes indicam alto nível em duas dimensões e 10,1% apontam alto nível nas três dimensões. Chama-se atenção, principalmente, para os altos índices de discentes que se encontram emocionalmente exaustos (66,1%), como também daqueles que se encontram com uma reduzida eficácia profissional (71,4%).

A partir da análise das três dimensões, pode-se afirmar que a prevalência de SB nos discentes do curso de administração está muito alta, considerando aqueles que já se encontram com a síndrome desenvolvida ou prestes a desenvolver.

4.1 TESTES DE HIPÓTESES

No que se refere à variável sexo, identificou-se diferenças no comparativo de médias entre os grupos. As mulheres apresentaram uma média maior do que a dos homens, conforme demonstra a Tabela 3. O sexo feminino apresentou um maior nível de significância na dimensão EE ($\alpha = 0,026$) que conseqüentemente interferiu no total ($\alpha = 0,049$). Isto indica que as mulheres sentem-se mais exaustas emocionalmente do que os homens, e com isso, podem ter mais chances de desenvolver a SB.

Tabela 1 – Teste t para amostras independentes – Variável sexo dos discentes

		Teste de Levene		Teste t para igualdade de médias						
		F	Sig.	T	Gl	Sig. (2-ext.)	Diferença de médias	Diferença de erro padrão	Intervalo de Confiança da Diferença de 95%	
									Inf.	Sup.
EE	*	,062	,803	-2,239	187	,026	-1,967	,879	-3,701	-,234
	**			-2,230	176,675	,027			,882	-3,708
DE	*	1,170	,281	-,207	187	,836	-,183	,884	-1,928	1,561
	**			-,209	183,715	,835			,878	-1,916

REP	*	2,883	,091	-1,178	187	,240	-,983	,834	-2,628	,663
	**			-1,156	163,135	,249		,850	-2,661	,695
Total	*	,151	,698	-1,983	187	,049	-3,133	1,580	-6,250	-,017
	**			-1,994	182,786	,048		1,572	-6,234	-,033

Variâncias iguais assumidas*; Variâncias iguais não assumidas**

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

No que diz respeito à variável estado civil, não foi identificado diferença significativa entre as duas médias populacionais, conforme demonstrado na Tabela 4. Este fator evidencia que, o fato dos discentes estarem casados ou solteiros não influencia no desenvolvimento da síndrome.

Tabela 2 – Teste t para amostras independentes – Variável estado civil dos discentes do semestre 2017.2

		Teste de Levene		Teste t para igualdade de médias						
		F	Sig.	T	Gl	Sig. (2-ext.)	Diferença de médias	Diferença de erro padrão	Intervalo de Confiança da Diferença de 95%	
									Inf.	Sup.
EE	*	,000	,993	-,859	187	,391	-,872	1,016	-2,876	1,131
	**			-,871	83,361	,386		1,001	-2,864	1,119
DE	*	,721	,397	-,435	187	,664	-,439	1,010	-2,433	1,554
	**			-,419	76,421	,676		1,048	-2,527	1,648
REP	*	,822	,366	-,451	187	,653	-,431	,956	-2,318	1,455
	**			-,440	77,955	,661		,980	-2,383	1,520
Total	*	,701	,404	-,958	187	,339	-1,743	1,820	-5,333	1,847
	**			-,926	76,817	,357		1,882	-5,491	2,005

Variâncias iguais assumidas*; Variâncias iguais não assumidas**

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Com relação ao fato de possuir filhos ou não, os resultados mostraram que houve diferença entre os grupos no comparativo de médias. Os discentes que possuem filhos; sejam um, dois ou mais; apresentaram um maior nível de significância na dimensão REP ($\alpha = 0,022$), conforme pode ser visto na Tabela 5. Isto indica que os discentes com filhos possuem um

nível de reduzida eficácia profissional mais elevado e conseqüentemente uma maior probabilidade de desenvolver a síndrome do que aqueles que não têm filhos.

Tabela 3 - Teste t para amostras independentes – Variável filhos dos discentes do semestre 2017.2

		Teste de Levene		Teste t para igualdade de médias						
		F	Sig.	t	Gl	Sig. (2-ext.)	Diferença de médias	Diferença de erro padrão	Intervalo de Confiança da Diferença de 95%	
									Inf.	Sup.
EE	*	1,176	,280	,448	187	,655	,618	1,380	-2,105	3,341
	**			,401	25,320	,692		1,543	-2,557	3,793
DE	*	,126	,723	1,201	187	,231	1,642	1,367	-1,055	4,338
	**			1,136	26,021	,266		1,445	-1,328	4,612
REP	*	1,551	,214	-2,318	187	,022	-2,968	1,281	-5,495	-,442
	**			-2,724	30,120	,011		1,090	-5,194	-,743
Total	*	4,567	,034	-,286	187	,775	-,708	2,476	-5,592	4,175
	**			-,235	24,408	,816		3,018	-6,932	5,515

Variâncias iguais assumidas*; Variâncias iguais não assumidas**

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Com base no teste *t*, utilizado para identificar se houve diferenças estatísticas entre duas médias populacionais, foi identificado que em relação às variáveis sexo e filhos as hipóteses foram confirmadas apenas parcialmente para uma ou outra dimensão da SB. Enquanto que para a variável estado civil as hipóteses não foram confirmadas. A síntese destes resultados estão apresentados no Quadro 3.

Quadro 2 – Síntese dos resultados dos testes de hipóteses

Hipóteses	Status
H ₁ : A prevalência de exaustão emocional difere para os discentes do sexo feminino em relação aos discentes do sexo masculino.	Confirmada
H ₂ : A prevalência de descrença difere para os discentes do sexo feminino em relação aos discentes do sexo masculino.	Não confirmada
H ₃ : A prevalência de reduzida eficácia profissional difere para os discentes do sexo feminino em relação aos discentes do sexo masculino.	Não confirmada

H ₄ : A prevalência de exaustão emocional difere para os discentes solteiros/divorciados/viúvos em relação aos discentes casados/em união estável.	Não confirmada
H ₅ : A prevalência de descrença difere para os discentes solteiros/divorciados/viúvos em relação aos discentes casados/em união estável.	Não confirmada
H ₆ : A prevalência de reduzida eficácia profissional difere para os discentes solteiros/divorciados/viúvos em relação aos discentes casados/em união estável.	Não confirmada
H ₇ : A prevalência de exaustão emocional difere para os discentes que possuem filhos em relação aos discentes que não possuem filhos.	Não confirmada
H ₈ : A prevalência de descrença difere para os discentes que possuem filhos em relação aos discentes que não possuem filhos.	Não confirmada
H ₉ : A prevalência de reduzida eficácia profissional difere para os discentes que possuem filhos em relação aos discentes que não possuem filhos.	Confirmada

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

A variável sexo apresentou uma diferença estatística na dimensão exaustão emocional. Em complemento, na variável filhos, foi identificado um maior nível de significância na dimensão reduzida eficácia profissional. Em contraponto, os grupos populacionais em relação a variável estado civil não apresentaram variação para nenhuma das dimensões da SB. Isso significa que os fatores sexo e filhos foram identificados como fatores associados ao desenvolvimento e prevalência da SB, mas não apresentam associação com o fator estado civil.

4.3 DISCUSSÕES

A variável sexo apresentou-se como fator relacionado com exaustão emocional. Esse resultado demonstra que as mulheres apresentaram uma maior propensão a desenvolver a SB do que os homens, corroborando com as pesquisas de Carlotto (2011), Meyer et al. (2012), Santos (2015), Fernandes, Nitsche e Godoy (2018), Aguiar, Aguiar e Mercedes (2018). Este achado difere dos resultados descritos por Carlotto e Palazzo (2006) que afirmam ausência de diferenças estatisticamente significativas com relação ao sexo, e dos estudos de Campos et al. (2012) e Carlotto (2002) que afirmam que o sexo masculino é mais vulnerável à SB do que o sexo feminino.

O fato das mulheres sentirem-se mais exaustas emocionalmente do que os homens pode ser devido a pressão sofrida por estas para cuidar dos filhos, dos afazeres domésticos e muitas vezes ter que conciliar estas tarefas com o trabalho e/ou o estudo, ou seja, o papel da mulher na sociedade geralmente apresenta mais ônus do que o dos homens. A elevação da exaustão emocional por parte das mulheres pode ser interpretada também pela questão afetiva vinculada ao papel feminino. Posto que isso requer um envolvimento maior das mulheres com cuidados, alimentação e preocupação com o bem estar de outras pessoas (CARLOTTO, 2011).

A variável filhos apresentou-se como fator associado à reduzida eficácia profissional. Assim, aqueles discentes que possuem filhos apresentaram uma maior prevalência nesta dimensão, confirmando o estudo de Carlotto (2011). Diferente deste achado, Carlotto e Palazzo (2006) e Viana et al. (2014), Sá, Silva e Funchal (2014) e Aguiar, Aguiar e Merces (2018) afirmaram em seus estudos que pessoas com filhos têm menores chances de adquirir a SB. O achado deste estudo em que as pessoas que possuem filhos têm uma maior predisposição à SB pode ser explicado pelo fato dos discentes terem que dedicar a maior parte do seu tempo a estes, sobrando pouco tempo para as demais atividades de vida diária. Isso pode fazer com que a pessoa sinta-se incompetente e não realizada em sua vida pessoal ou profissional.

Por outro lado, a variável estado civil não se apresentou como fator associado com nenhuma das dimensões da SB. Porém, ressalta-se aqui a necessidade de investigações mais profundas para que seja possível explicar e/ou validar os resultados encontrados neste estudo. No que se refere à variável estado civil, tal resultado corrobora com os estudos de Carlotto e Palazzo (2006) e Santos (2015). Porém, Carlotto (2011) e Aguiar, Aguiar e Merces (2018) verificaram em seus estudos que sujeitos casados possuem maiores chances de desenvolver a síndrome. Já os autores Sá, Silva e Funchal (2014) e Pantoja (2017), identificaram em seus estudos que pessoas solteiras apresentaram maior prevalência da síndrome.

Por fim, vale salientar que as características sociodemográficas do indivíduo, tais como: sexo e se possui filhos não são por si mesmas desencadeantes do fenômeno, mas facilitadoras ou inibidoras da ação dos agentes estressores. No entanto, esta indicação corroborou com os resultados apresentados neste estudo, que evidenciam que determinadas características sociodemográficas podem influenciar no aparecimento da SB, como por exemplo, o fato de ser mulher e possuir filhos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, pode-se afirmar que o presente estudo revela a necessidade de realização de mais pesquisas sobre a SB e a busca de fatores associados ao seu desenvolvimento, conferindo maior relevância ao tema. Já que mesmo se apresentando de importante repercussão social, ainda é um campo pouco explorado em termos de investigações.

Estes resultados sugerem a necessidade de ações preventivas, que possam atenuar os sintomas identificados. A busca pelo bem-estar, saúde física e mental e melhorias de qualidade de vida no ambiente universitário são ações essenciais para reduzir o sofrimento psíquico dos discentes. Também devem ser considerados pelas universidades, criar unidades de atenção e apoio aos discentes; tanto quanto desenvolver metodologias de ensino que possibilitem, em especial as discentes mulheres e com filhos, a conciliação dos seus estudos com seus outros afazeres, prevenindo assim o surgimento de doenças nos futuros trabalhadores.

Portanto, a síndrome de *burnout* pode ser evitada, desde que os professores, estudantes e também a sociedade trabalhem em conjunto para elaborar atividades preventivas contra fatores de risco e o estresse crônico. A partir de mudanças na estrutura institucional,

melhorando as relações entre as pessoas, desenvolvendo palestras e treinamentos com professores e estudantes na intenção de informá-los e orientá-los sobre a doença. O professor, ao exercer o papel de educador, pode desempenhar um importante papel na prevenção e detecção precoce no sofrimento psíquico dos estudantes, por estar em constante interação com estes.

As limitações da pesquisa concentram-se no recorte transversal do estudo, investigando-se um curso específico de uma IFES do Nordeste Brasileiro. Acerca das sugestões para pesquisas futuras, tem-se que novos estudos devem ser realizados com indivíduos de diferentes cursos e em diferentes IFES, para que se possa conhecer e avaliar melhor os fatores que contribuem para o surgimento do *burnout*. É interessante que sejam realizados novos estudos envolvendo discentes de instituições privadas ou até mesmo discentes de pós-graduação.

Ademais, é importante a realização de novas pesquisas, sobretudo qualitativas, que busquem aprofundar a investigação dos fatores desencadeantes ou associados à SB entre os demais estudantes. A continuidade dos estudos contribuirá para identificação precoce, prevenção e tratamento da síndrome.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, R.L.B.; AGUIAR, M.C.M.; MERCES, M.C. Síndrome de burnout em estudantes de medicina de Universidade da Bahia. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**. Salvador, v.7, n.2, p.267-276, 2018.

BARLEM, J.G.T. et al. Manifestações da síndrome de burnout entre estudantes de graduação em enfermagem. **Texto & Contexto Enfermagem**. Santa Catarina, Brasil, v.22, n.3, p.754-762, 2013.

BENAVENTE, S.B.T. et al. Influência de fatores de estresse e características sociodemográficas na qualidade do sono de estudantes de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v.48, n.3, p.514-520, 2014.

CAMPOS, J.A.D.B. et al. Síndrome de burnout em graduandos de Odontologia. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v.15, n.1, p.155-165, 2012.

CARLOTTO, M.S. Síndrome de burnout em professores: prevalência e fatores associados. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.27, n.4, p.403-410, 2011.

CARLOTTO, M.S. A síndrome de burnout e o trabalho docente. **Psicologia em Estudo**. v.7, n.1, p.21-29, 2002.

CARLOTTO, M.S.; CÂMARA, S.G. Características psicométricas do Maslach Burnout Inventory. Student Survey (MBI-SS) em estudantes universitários brasileiros. **Psico-USF**, v.11, n.2, p.167-173, 2006.

CARLOTTO, M.S.; PALAZZO, L.S. Síndrome de *burnout* e fatores associados: um estudo

epidemiológico com professores. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v.22, n.5, p.1017-1026, 2006.

FERNANDES, L.S.; NITSCHKE, M.J.T.; GODOY, I. Associação entre síndrome de burnout, uso prejudicial de álcool e tabagismo na enfermagem nas UTIs de um hospital universitário. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**. São Paulo, v. 23, n.1, p.203-214, 2018.

FERRAZ, H.F.; CARDONA, S.; MONTE, P.G. Desgaste psíquico e problemas de saúde em estudantes de psicologia. **Revista Psicologia em Estudo**, v.14, n.2, p.349-353, 2009.

FOGAÇA, M.C. et al. Burnout em estudantes de psicologia: diferenças entre alunos iniciantes e concluintes. **Aletheia**, n.38-39, p.124-131, 2012.

GOULART, C.T. **Estresse e síndrome de burnout em discentes de enfermagem**. 52f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, 2014.

LARSON, R.; FARBER, B. **Estatística aplicada**. 6 ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2016.

LLORENT, V.J.; CALZADO, I.R. El Burnout y las variables sociodemográficas en los profesionales de la educación que trabajan con personas con discapacidad en Córdoba (España). **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, n.21, v.10, p.3287-3295, 2016.

MAROCO, J.; GARCIA-MARQUES, T.G. Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas?. **Laboratório de Psicologia**, v.4, n.1, p.65-90, 2006.

MASLASH, C.; JACKSON, S.E. The measurement of experienced burnout. **Journal of Occupational Behavior**, v.2, n.2, p.99-113, 1981.

MEYER, C. et al. Qualidade de vida e estresse ocupacional em estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**. Florianópolis, SC, v.36, n.4, p.489-498, 2012.

MOREIRA, D.C.P. et al. Síndrome de burnout em acadêmicos de enfermagem. **Revista Internacional de Educação e Saúde**. Salvador, v.2, n.1, p.1-11, 2018.

PANTOJA, F.G.B. Avaliação do burnout em trabalhadores de um hospital universitário do município de Belém (PA). **Saúde em Debate**. Rio de Janeiro, v.41, n.especial, p.200-214, 2017.

PINTO, P.S. Síndrome de burnout em estudantes de odontologia, medicina e enfermagem: uma revisão da literatura. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, v.6, n.2, p.238-248, 2018.

PORCIUNCULA, A.M. **Síndrome de burnout em gerentes de atenção primária em saúde**. Dissertação apresentada com vistas à obtenção do título de Mestre Modalidade Profissional em Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2015.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2014.

SÁ, A.M.S.; SILVA, P.O.M.; FUNCHAL, B. Burnout: o impacto da satisfação no trabalho em profissionais de enfermagem. **Psicologia e Sociedade**, v.26, n.3, p.664-674, 2014.

SANTOS, T.N.C. **Burnout e comprometimento organizacional em professores universitários**. 128f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Universidade Fernando Pessoa. Porto, 2015.

SCHAUFELI, W.B. et. al. Burnout and engagement in university students. **A Cross National Study**, v.33, n.5, p.464-481, 2002.

SCHUSTER, M.S.; DIAS, V.V. Oldenburg Burnout Inventory – validação de uma nova forma de mensurar Burnout no Brasil. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, n.23, v.2, p.553-562, 2018.

SILVA, J.L.L. **Aspectos psicossociais e síndrome de burnout entre trabalhadores de enfermagem intensivistas**. 153f. Tese (Doutorado em Ciências na área de Saúde Pública)- Fundação Oswaldo Cruz-FIOCRUZ. Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca-ENSP, 2015.

VIANA, G.M. et al. Relação entre síndrome de burnout, ansiedade e qualidade de vida entre estudantes de ciências da saúde. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v.12, n.1, p.876-885, 2014.